

LA MONDIALISATION DU CAPITAL

CHESNAIS, François. Paris: Syros, 1994, (286 páginas).

*Eliseu Savério Spósito**

Um tema atual como a mundialização tem sido objeto de muitas publicações em forma de livros ou artigos em revistas especializadas. Escolhemos o livro de Chesnais para que, através de uma rápida análise, o leitor possa ter contato com algumas idéias nele contidas.

O livro está dividido em doze capítulos, que passamos a citar pela ordem: “decifrar as palavras carregadas de ideologia”, “o investimento direto no estrangeiro (IDE): presença, aspectos qualitativos e tendências recentes”, “a empresa multinacional hoje”, “concentração do capital e operações descentralizadas: as firmas redes”, “rivalidade oligopolista e localização da produção industrial”, “a tecnologia no deslocamento mundial dos grupos”, “tecnologia, cooperação oligopolística e barreiras à entrada”, “os serviços, ‘nova fronteira’ para a mundialização do capital”, “as trocas comerciais no quadro da mundialização”, “o movimento próprio da mundialização financeira”, “os grupos industriais, agentes ativos da mundialização financeira” e “mundialização, regulação e depressão longa”. Ao final do livro, há uma lista das siglas utilizadas e a bibliografia (quase duzentas obras referidas) utilizada pelo autor.

Pela sequência dos capítulos exposta acima, o leitor pode observar que a obra está toda baseada na linguagem da economia política e que destaca como fundamentais para a mundialização

(entendida como o processo de expansão da atuação do capital em escala mundial como mentor das relações de produção) as firmas multinacionais, os mercados financeiros e a tecnologia, mediados pelas operações em redes.

Como base doutrinária, o autor adota a teoria da regulação e discute os momentos da atual depressão nos países centrais do capitalismo mundial. É no capítulo final do livro (p. 249-269) que, numa espécie de resumo de tudo o que foi dissertado anteriormente, que o autor deixa transparecer suas principais idéias. Vamos verificar algumas de suas observações para que tenhamos bem claro suas conclusões.

Sobre a internacionalização do capital produtivo, ele diz que o mesmo “permaneceu um processo muito estreitamente circunscrito geograficamente e que esse capital está submetido hoje a um conjunto de forças que o conduzem a se reestruturar em se ‘recentrando’ sobre suas bases de origem - exceção feita aos Novos Países Industrializados (NPIs) da Ásia”. Com isso, ele quer dizer que uma primeira falácia no discurso da “onda neoliberal” é aquela que se refere a uma expansão do capital para os países periféricos com intenções de acelerar a produção de mercadorias e de descentralizar o consumo. Na realidade, o que ocorre é uma revitalização do centro do capitalismo mundial e uma concentração acelerada da riqueza, catalisada pelos grandes grupos multinacionais. Em outras palavras: “o princípio metodológico fundamental da primazia da produção sobre a circulação não se traduziu *em todas as circunstâncias* por investimentos no estrangeiro” e esse princípio pode também ser expresso sob a forma de uma “competitividade estrutural” porque é difícil “dar um peso igual entre os investimentos no estrangeiro (mesmo que circunscrito de maneira estrita no setor industrial) e a criação de valor e de mais valia”.

No que concerne à questão central do movimento do capital sob suas três formas (as formas mais centrais da acumulação capitalista que, com a chegada aos limites e pelo crescimento das contradições, no seio das formas institucionais, as mais *essenciais, aquelas que condicionam o regime de acumulação*, podem explicar isso tudo, são: 1) “o trabalho assalariado é a forma absolutamente predominante da inserção social e do acesso a uma renda”; 2) a criação, “no nível monetário e financeiro, de um ambiente monetário internacional estável”; e 3)

* Professor do Departamento de Geografia, FCT/UNESP/Presidente Prudente e autor do livro: "A vida nas cidades". São Paulo: Contexto, 1994. Pós-doutorado junto ao CRIA (Centre de Recherches sur l' Industrie et l' Aménagement), ligado ao Institut de Géographie da Université de Paris I - Sorbonne-Panthéon. Endereço para Correspondência: Departamento de Geografia, FCT/UNESP/Presidente Prudente, Rua Roberto Simonsen, 305. Caixa Postal: 957. Presidente Prudente (SP), CEP.19060-900. Tel. (55) (018) 221-5388 e Fax. (55) (018) 223-2227. E-Mail: ueppr@eu.ansp.br

“a existência dos Estados, dotados de instituições suficientemente fortes para que elas possam servir a impor ao capital privado disposições de todo o tipo e a disciplinar seu funcionamento”), o autor apresenta um conjunto de dados que tendem a “sugerir o crepúsculo do ciclo unificado situado sob a dominação do capital industrial”, o que leva à necessidade “de partir da economia mundial para analisar as economias nacionais”, dado que tal economia mundial “carrega mais a marca da financiarização ao exagero, da dominação de um capital rentista, talvez usurário, e de operações cada vez mais numerosas gangrenadas pelas redes mafiosas que de um capital orientado para um desenvolvimento das forças produtivas” (p. 265-266).

Para demonstrar o crescimento do capital rentista, o autor analisa também a superação do fordismo: “muitos fatores cujo jogo *combinado* veio deslocar os elementos constitutivos da regulação fordista: rigidificação das estruturas industriais oligopolistas no plano nacional; crise de todas as determinações da relação salarial fordista; crise fiscal do Estado e questionamento da extensão tomada pelas despesas públicas; deterioração das relações constitutivas da estabilidade do regime internacional” (p. 251)

Atualmente, em todos os países capitalistas, a crise do modo de desenvolvimento é dada pelo fato de que o modo de produção dominante mostra “sua incapacidade de gerir a existência do trabalho assalariado enquanto forma predominante de inserção social e de acesso à renda. Após ter destruído o campesinato e grande parte do artesanato urbano, desertificado regiões inteiras, faz apelo ao exército industrial de reserva dos trabalhadores imigrados (...), condena milhões de assalariados e jovens ao desemprego estrutural (...) e acentua, no interior de cada país, as diferenciações profissionais e sociais”. Finalmente, pela “primeira vez em toda a história, o sistema confiou a sorte da moeda e da finança completamente ao mercado” e, de outro lado, os “Estados viram sua capacidade de intervenção reduzida a pouca coisa pela crise fiscal” (p. 254).

A crise do modo de desenvolvimento, por outro lado, não é decorrente apenas da incapacidade gerencial das elites locais, quando nos referimos aos países em desenvolvimento, mas estruturalmente é determinada pela mobilidade do capital, o que tem permitido “às empresas constringer os países a alinhar suas

legislações do trabalho e da proteção social sobre aquelas do Estado cujas leis lhe são as mais favoráveis” (p. 255).

Enfim, o efeito depressivo da acumulação (p. 256), que mostra a destruição de postos de trabalho superior à criação de novos postos, mostra também a baixa de rendas do trabalho assalariado e a redistribuição da renda nacional em favor de rentistas, com o aumento dos mercados e dos investimentos financeiros, ao qual a mundialização contribuiu fortemente, com grande seletividade de escolhas e de lugares. Esse efeito tem sido sustentado porque “os fundamentos do modo de desenvolvimento do capitalismo monopolista contemporâneo - a propriedade privada, o mercado, o lucro, o consumismo exacerbado pela publicidade mas também, buscado constantemente como base do relançamento da atividade industrial (aí compreendido pelos partidos de “esquerda” e os sindicatos), o produtivismo a todo custo sem olhar para as fontes naturais e a repartição do trabalho e das rendas - fixam os limites sociais, políticos e geográficos. (p. 262).

Acreditamos que a leitura da obra de **Chesnais** é fundamental para aqueles que querem se inserir no debate mais amplo e profundo da mundialização (e cotejá-la com os processos de globalização), por sua clareza na linguagem e por sua coragem de tomar o bonde “na contramão”, indo contra a “onda” mais aceita, principalmente nos países situados na periferia dos processos de acumulação concentrada do capitalismo internacional, de que esse processo tem que ser assumido por todos esses países como solução para a crise do desemprego estrutural que atualmente se acelera.

Se tomarmos as cifras referentes ao Brasil, vemos que atualmente o desemprego vem aumentando, variando de 7% (IBGE) a 15% (SEADE) nas principais capitais do país. Há pouco tempo, esses índices seriam alarmantes. Será que hoje ainda o são? A desestruturação do movimento sindical, a desconcentração centralizada na localização industrial, a formação do bloco do Mercosul, a tendência à privatização a qualquer custo, etc., têm mostrado uma certa indefinição nos rumos do crescimento econômico brasileiro, com exceção à clara assunção da tentativa de redução do poder de barganha dos assalariados.

A leitura da obra de **Chesnais** pode ajudar a nossa reflexão sobre a realidade do Brasil, sem o perigo de tomarmos suas idéias

como modelo acabado para explicar as transformações pelas quais o país vem passando, porque não é a intenção do referido autor produzir axiomas que se encaixem em todas as realidades mas, ao contrário, induzir o leitor a refletir além das idéias predominantes no mundo acadêmico e na mídia em geral.

ANO 501: A CONQUISTA CONTINUA.

CHOMSKY, Noam. São Paulo: Editora Scritta, 1993, (438 páginas).

*Claudinei Lourenço**

Qual a nossa reação diante das reiteradas cenas de barbárie que presenciamos em nosso cotidiano, seja através da *telinha*, seja ao vivo e em cores? Como reagimos diante de cenas de crianças desnutridas, de idosos em condições aterradoras, de estadistas se organizando para perpetuar privilégios? A resposta a essa interpelação deve ser buscada em cada um de nós a todo momento, pois pensamos a partir disso, as condições de vida do ser humano, que por sua vez, nos remete para a busca daquilo que entendemos devesse constituir a nossa vida, ou em outras palavras: qual seria o sentido da nossa moderna existência, presidida por uma lógica que a todo momento nos destitui de qualquer ambição?

Parecendo responder a isso, Noam **Chomsky** apresenta um amplo painel de denúncias, históricas e contemporâneas, resgatando o engajamento, com todos os seus riscos, na defesa da liberdade do indivíduo e de suas culturas.

Em seu início, para ser mais preciso, já na capa, o livro de **Chomsky** abre para uma interessante indagação. O título do livro, **Ano 501: A Conquista Contínua** poderia ser lido de outra forma, isto é, a conquista contínua. Entre as duas opções mantém-se a idéia central dessa obra, ou seja, o processo de expansão capitalista europeu, um processo de conquista, atingindo o mundo em toda a sua dimensão.

Chomsky, talvez mais conhecido pelos seus trabalhos sobre linguística, aparece nesses últimos anos como um intelectual de atuação contestatória do *establishment* norte-americano, com uma obra deiversificada e de grande poder de fogo contra a

* Mestre em Geografia pelo Departamento de Geografia da FFLCH/USP; Professor do ensino técnico de segundo grau (Centro "Paula Souza") e do terceiro grau (Departamento de Geografia da UNICSUL e do CCHS da UNISA).